

## Rendimento real dos trabalhadores registra aumento de 0,6% em um ano

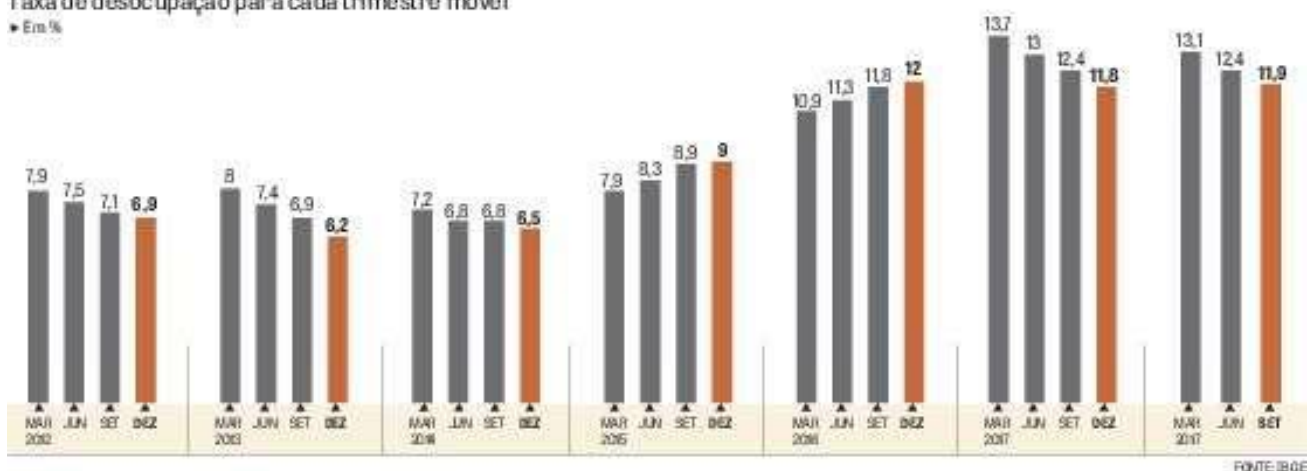
No trimestre encerrado em setembro deste ano, renda chegou a R\$ 2.222, recuo de 0,3% em relação a abril, maio e junho; baixa qualidade de vagas e desemprego alto limitam salários

PAULA SALATI E AGÊNCIAS • SÃO PAULO

### LEVE RECUCO

Taxa de desocupação para cada trimestre móvel

• Em %



FONTE: IBGE

Mesmo com inação baixa e sob controle, o rendimento médio real dos trabalhadores segue estável, refletindo o alto nível do desemprego e a baixa qualidade dos postos de trabalho que estão sendo criados.

A tendência é que, a partir de 2019, os ganhos acima da inação possam ser mais significativos, mas o ritmo dessa melhora ainda dependerá da velocidade de aprovação de reformas estruturais pelo Congresso no ano que vem, avaliam especialistas.

# INFORME

Em um ano, a renda média real dos trabalhadores ocupados cresceu 0,6%, ao passar de R\$ 2.208 no trimestre encerrado em setembro de 2017, para R\$ 2.222 em igual período deste ano.

Em relação aos meses de abril, maio e junho, os rendimentos recuaram 0,3%, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com a economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Maria Andréia Parente, a qualidade dos postos que estão sendo gerados, principalmente na construção civil e nos serviços, tem limitado ganhos na renda.

“Há um processo lento de desaceleração do desemprego e criação de vagas. Porém, as pessoas estão sendo contratadas com salários mais baixos e condições mais precárias, o que diminui a possibilidade de ganhos reais, mesmo com a inação controlada”, destaca Parente.

Os dados da Pnad mostram que, de fato, houve redução do desemprego e aumento dos postos de trabalho que foram, em sua maioria, informais.

Na passagem do segundo trimestre para o terceiro trimestre do ano, a taxa de desocupação passou de 12,4% para 11,9%, com a geração de 1,384 milhão de vagas, embora apenas 138 mil delas com carteira assinada no setor privado.

## **Subutilização**

“Temos motivos para comemorar, esse 1,4 milhão (de vagas), mas temos motivos para ficar preocupados, porque a qualidade do emprego continua em queda”, disse Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE.

“Ainda restam 12,5 milhões de pessoas em situação de desocupação no território brasileiro. Essa geração de vagas tem parte expressiva voltada para ocupações caracterizadas pela informalidade”, complementou Azeredo.

Fernando de Holanda Barbosa Filho, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), destaca que uma das boas notícias da Pnad foi a interrupção da queda no número de postos com carteira assinada na passagem do segundo trimestre para o terceiro. Contudo, em relação a igual período de 2017, foram fechadas 327 mil vagas.

# INFORME

Barbosa reforça que a fraca atividade econômica e o elevado número de desempregados, desalentados e força de trabalho subutilizada ainda segura possibilidades de ganhos reais na renda. “O mercado de trabalho não está para o trabalhador”, comenta o pesquisador.

No trimestre encerrado em setembro, a população subutilizada (27,3 milhões) ficou estável frente ao trimestre anterior (27,6 milhões de pessoas). Em relação a igual trimestre de 2017 (26,8 milhões), este grupo cresceu 2,1%, um adicional de 559 mil pessoas. Essa categoria é formada por desempregados, pessoas que trabalham menos horas do que gostariam e pela força de trabalho potencial.

O número de pessoas desalentadas (4,8 milhões) também ficou estável em relação ao trimestre anterior e subiu 12,6% ante igual trimestre de 2017 (4,2 milhões).

A economista do Ipea arma que a renda real só voltará a crescer de forma significativa na medida em que houver uma forte redução da taxa de desemprego. Segundo Parente, isso depende fundamentalmente do ritmo de aprovação das reformas fiscais pelo governo que assume em 2019.

Um governo com responsabilidade fiscal indica taxas de juros controladas, aumento da confiança dos empresários, os quais, por sua vez, decidem investir mais, gerando mais empregos. Com a elevação da ocupação e inação controlada, a renda cresce. É um círculo virtuoso”, destaca Parente.

Outros dados do IBGE mostram que o percentual de trabalhadores ocupados contribuindo para a Previdência Social caiu de 63,7% em junho para 63,1% em setembro.

(Fonte: DCI – 31/10/2018)

## Informalidade volta a aumentar e reduz desemprego no 3º trimestre

Por Ana Conceição e Bruno Villas Bôas | De São Paulo e do Rio

Depois de desacelerar por alguns meses, o mercado informal voltou a ganhar força e, assim, ajudou a diminuir o desemprego no país. No terceiro trimestre, a taxa de desocupação caiu para 11,9%, dentro do esperado por economistas. No segundo trimestre e no mesmo período do ano passado, o percentual era de 12,4%, de acordo com a Pesquisa Nacional

# INFORME

por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa tem recuado desde março, quando atingiu 13,1%.

Com a criação de 1,3 milhão de empregos - dos quais cerca de 900 mil informais -, o país chegou a 92,622 milhões de pessoas ocupadas no terceiro trimestre, aumento de 1,5% na comparação trimestral e anual. O número de desempregados caiu para 12,492 milhões de pessoas.

## Em queda

Mercado informal ganha força e reduz desemprego

### ■ Taxa de desemprego - em %



Fonte: Pnad Contínua - IBGE

De acordo com o IBGE, o emprego no setor privado sem carteira aumentou 4,7% no terceiro trimestre, em relação ao segundo, ou 522 mil postos de trabalho. O emprego com carteira também, cresceu, mas de forma bem modesta: 0,4%, ou 138 mil pessoas a mais.

Outra fonte relevante de ocupação dos brasileiros no período foi o trabalho por conta própria. São pessoas que trabalham sozinhas, sem patrão nem funcionários, um contingente que cresceu 432 mil (1,9%), a maioria - 300 mil - sem CNPJ, no mesmo período.

# INFORME

Contas feitas pelo Itaú Unibanco mostram que a carteira assinada no setor privado cresceu 0,2% no terceiro trimestre na comparação com o segundo. Já o conjunto das demais ocupações aumentou 1,7%.

A baixa criação de emprego formal na Pnad frustrou a expectativa do Santander, especialmente depois da forte geração de vagas em agosto e setembro mostrada pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), que calcula os postos com carteira assinada no país. "A Pnad é uma amostragem, difere do Caged, mas houve uma pequena frustração com o dado", afirma Lucas Nóbrega Augusto, economista do banco, que previa desemprego de 11,8%.

Augusto observa que a lentidão do mercado de trabalho tem muito a ver com fraqueza da construção civil, setor que historicamente emprega muito, mas que ainda não aponta uma melhora de fato.

Bancos e consultorias costumam fazer um ajuste sazonal para entender como se comporta o desemprego de um trimestre móvel para o outro, o que dá uma ideia sobre o ritmo do mercado de trabalho. Sob essa perspectiva, a desocupação está entre estável e pequena queda. No cálculo de Alberto Ramos, do Goldman Sachs, e Daniel Duque, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), a taxa ficou estável em 12,1%. Nas contas do Itaú, cedeu de 12,2% para 12%.

Outro efeito da informalidade é que também aumentou o número de trabalhadores subocupados. São pessoas que trabalham menos de 40 horas semanais, mas que gostariam de trabalhar mais. Eles são 6,86 milhões, um aumento de 5,4% sobre o segundo trimestre e um recorde. "O contrato de trabalho intermitente pode ter contribuído para esse aumento da subocupação", afirma Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE.

O crescimento do emprego precário também é em parte responsável pela desaceleração da renda média do trabalho, que caiu 0,3% na comparação com o segundo trimestre, quando subiu 0,3%, e cresceu apenas 0,6% em relação ao mesmo período do ano passado, quando aumentou 2,3%. "É uma alta real bastante tímida, mas natural em um mercado deprimido, com inflação mais alta e criação de empregos de baixos salários", diz Augusto, do Santander.

Para Daniel Duque, do Ibre-FGV, a desaceleração é esperada. "Estranho seria se continuasse crescendo acima de 1%", disse, observando que a atividade econômica e a ociosidade não incentivam elevações de renda.

# INFORME

Além de o mercado informal pagar menos, ocupações como conta própria sem CNPJ e trabalhador do setor privado e doméstico sem carteira assinada tiveram queda no rendimento real no terceiro trimestre.

A volta mais consistente do emprego formal ainda deve demorar mais alguns meses, na opinião dos economistas. A confiança do setor privado pode até melhorar agora que passou o período eleitoral, mas, além de o novo governo ainda estar na fase de formulação de propostas, qualquer impacto no emprego tende a ser defasado.

Ibre-FGV e Santander calculam que a taxa de desemprego média do ano deve ficar em 12%, pouco abaixo dos 12,7% do ano passado.

**(Fonte: Valor Econômico – 31/10/2018)**